

02

**A (TRANS)FORMAÇÃO DOS SERES VIVENTES
EM *BUGÔNIA*, DE DANIEL GALERA¹**

Letícia Vital Ferreira

Recebido em 23 set 2023.

Aprovado em 22 fev 2024.

Letícia Vital Ferreira

Mestranda em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo. Graduação em Letras (Português e Linguística), pela Universidade de São Paulo, 2020.

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-3597-9428>E-mail: leticia.vital.ferreira@usp.br

Resumo: O presente artigo apresenta uma leitura ecocrítica da novela de ficção científica *Bugônias* (2022), de Daniel Galera. Um aporte crítico atualizado foi mobilizado para analisar a participação dos diferentes seres vivos na narrativa, dando-se destaque às alianças inter e intra-espécies, especialmente aquela entre humanos e abelhas, representada de maneira insólita na obra. A esse respeito, chamamos atenção ao modo como a representação dos animais na narrativa foge da canônica ao conceder agentividade aos não-humanos. Enfatizamos também a importância dada à questão do tempo presente e das transformações constantes nas alianças e nos seres, especialmente após a queda de um astronauta alienígena. Nesse aspecto, a jornada da personagem principal, Chama, será entendida a partir

1 Título em língua estrangeira: “The trans(formation) of living beings in *Bugônia*, by Daniel Galera”.

da perspectiva das histórias de amadurecimento, pois possui características típicas desses romances, mas altera algumas das lógicas presentes no romance de formação tradicional, especialmente no que se refere à participação feminina. É considerado que, ao invés de se adequar à sociedade ao seu redor, a metamorfose de Chama altera toda a sua comunidade. Por fim, é defendido que também o Organismo toma parte em um processo formativo, transformando-se em sistema simpoético.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Ficção científica. Ecocrítica. Literatura brasileira. Daniel Galera.

Abstract: This article presents an ecocritical reading of the science fiction story *Bugônias* (2022), written by Daniel Galera. An updated critical contribution was mobilized to analyze the participation of different living beings in the narrative, highlighting inter and intra-species alliances, especially the one between humans and bees, which appears in an insolite manner in the story. Regarding this, we draw attention to how animals' representations deviate from the canonical by granting agency to non-humans. We also emphasize the importance given to the issue of the present time and the constant transformations in alliances and beings, especially after the fall of the alien astronaut. In this aspect, the journey of the main character, Chama, will be considered from the perspective of coming-of-age narratives since it possesses typical characteristics of these novels, but alters some of the logic present in the traditional *Bildungsroman* novel, especially regarding female participation. It is considered that, rather than adapting to the society around her, Chama's metamorphosis alters the entire community. Finally, it is argued that the Organism also takes part in a formative process, transforming itself into a sympoetic system.

Keywords: Contemporary literature. Science fiction. Ecocritics. Brazilian Literature. Daniel Galera.

A novela *Bugônia* (2021), de Daniel Galera, apresenta a história de uma comunidade composta por diferentes seres vivos, o Organismo, localizada em um espaço conhecido como Topo. Lá, o grupo consegue se proteger em(de) um mundo futuro dominado por catástrofes climáticas, sociais e biológicas: “Os textos falam de escassez de comida e das grandes epidemias. Do mar avançando sobre as cidades costeiras e do calor dizimando os pastos e plantações que cobriam regiões maiores que o horizonte. Da variedade de entes que não resistiram à infestação humana” (GALERA, 2021, p. 212).

Nesse espaço-tempo vindouro há dois grandes líderes com visões diferentes: enquanto a Velha acredita que devemos aprender com o presente sempre mutável, Alfredo defende a experiência dos escritos que nos contam sobre o passado passível de se repetir. Entre ambos os extremos se encontra a protagonista Chama, confusa sobre os ensinamentos que recebe. Independentemente das diferenças, no entanto, todos compreendem que a sobrevivência dos seres vivos depende das alianças tecidas uns com os outros. No caso dos humanos, ameaçados por uma nova doença, a peste de sangue, as alianças tecidas com as abelhas são de especial importância - isso porque as voantes são capazes de produzir o necromel, espécie de mel imunizador contra a doença tão temida. O futuro da comunidade fica ameaçado, no entanto, quando as abelhas somem devido à queda de um astronauta, humano que bem poderia ser considerado alienígena, uma vez que é incompreendido pelos temerosos habitantes do Topo.

O nome da obra retoma o procedimento da *Bugônia* descrito por outras obras literárias, especialmente pela *Geórgicas*

IV, de Virgílio, texto esse utilizado como epígrafe da novela de Daniel Galera. No caso do texto do poeta romano, o processo é descrito como a solução para um apicultor que perdera suas abelhas e consiste no ritual sacrificial de um boi, que permitiria a geração espontânea das abelhas. No texto de Galera, ao menos inicialmente, o termo “bugônia” parece se relacionar ao modo como o mel imunizador é elaborado. Contudo, “[n]ão há ritual” (GALERA, 2021, p. 174) nesse segundo processo: as abelhas voluntariamente se alimentam dos cadáveres humanos deixados pelo Organismo e, a partir deles, produzem o necromel, que

[...] não mata nem neutraliza as bactérias da peste do sangue. Muito pelo contrário, o mel as atrai e as alimenta. Ficam saciadas a tal ponto que não precisam consumir nosso corpo. Passam a defender sua morada, ansiosas por algo que somente o néctar correndo em nossas veias pode fornecer. Invisíveis e incontáveis, é na aliança do Organismo que elas também encontram algum sossego. (GALERA, 2021, p. 196)

As alianças tecidas entre os humanos e os não-humanos do Organismo, inclusive com as bactérias nocivas, diferem das habituais porque beneficiam ambos os lados envolvidos, ou seja, não se pautam na exclusiva satisfação das necessidades e desejos humanos. Há, contudo, uma divergência mais interessante quanto às costumeiras relações envolvendo humanos e outros seres vivos: o agenciamento das figuras não-humanas é explícito; suas ações, direcionadas ou não à manutenção dos acordos, são apresentadas como conscientemente pautadas pelos próprios interesses — ainda que esses nem sempre sejam compreensíveis. Essenciais para a sobrevivência das pessoas, os outros seres

viventes são representados como racionais e independentes da atuação humana, não como presos aos seus instintos ou esvaziados de significação.

As abelhas poderiam simplesmente nos matar quando precisam de um cadáver, lembra a Velha [...]. Se não nos matam é porque alguma coisa as beneficia num organismo sem medo, e talvez essa coisa seja apenas o nosso contentamento. [...] As seriemas as alimentam porque elas abrigam seus ninhos e ovos dentro de casa. (GALERA, 2021, p. 193-194)

No trecho acima, a Velha explica a tomada de decisões por parte das abelhas na manutenção do pacto criado — elas poderiam, se quisessem, realizar ações diversas, e o fato de não o fazerem implica que estão se beneficiando da situação. A mesma personagem ainda estabelece pactos outros com as seriemas, aves que a protegem em troca do abrigo aos seus ovos. É constante na novela a presença de personagens humanos com aproximação maior a determinados seres não-humanos, indicando inclusive a diversidade presente em todos os seres vivos. No caso de Chama, sua aproximação maior está justamente com as abelhas, o que parece ocorrer por dois grandes motivos. Em primeiro lugar, há uma grande sintonia entre as abelhas e Chama, que às vezes parecem compartilhar características: “Algumas abelhas despertaram cedo *como ela*[...]” (GALERA, 2021, p. 173, grifo nosso); “*O cheiro bacteriano de suas axilas*, emanção da vida dos micróbios que hospeda [...] é o que ela mais gosta, o que mais fortalece seu senso de ser uma coisa inteira. É como cheirar mel silvestre” (GALERA, 2021, p. 217, grifo nosso). Em segundo lugar, e talvez mais importante para o trabalho de tessitura de alianças,

há um esforço de Chama em compreender e respeitar as abelhas: “O enxame faz figuras e uma delas, Chama, está convencida, é um rosto que a encara. Entende que está abusando da hospitalidade” (GALERA, 2021, p. 175), “Sente uma picada no dorso da mão, depois outra na curva entre o pescoço e o ombro. Chama não se importa [...], e sabe também que as aliadas a reconhecem e não a consideram uma ameaça, picando às vezes porque *faz parte da sua linguagem*[...]” (GALERA, 2021, p. 218, grifo nosso). Chama parece, então, ser detentora de uma tecnologia — entendida enquanto acúmulo de conhecimento — diversa da explorada nas cidades longínquas em que ainda há eletricidade ou da presente nos carvoeiros, grupo que, montado em grandes automóveis movidos a carvão, acredita na dizimação dos humanos enquanto solução para os problemas do planeta. Diferentemente deles, os habitantes do Topo possuem a tecnologia da escuta e do diálogo com os demais seres vivos.

Dessa forma, o Organismo, e Chama em especial, tenta realizar o que Latour propôs ao falar sobre a necessidade de contar as “histórias de Gaia”, que deveriam tomar como agentes ativos os entes anteriormente considerados de maneira meramente passiva (LATOUR apud HARAWAY, p. 83) — isso é perceptível nas falas da Velha a respeito das alianças, tal personagem reitera a mutabilidade dos laços construídos justamente devido à tomada de decisões dos demais seres vivos. Do mesmo modo, ao reconhecer a linguagem como também presente nos animais, a narrativa inverte a lógica da superioridade humana pautada na exclusividade linguística — e, conseqüentemente, de cultura e raciocínio. Desfaz-se, assim, o conceito “*l’animot*” de Derrida.

Com sua costumeira genialidade para cunhar palavras que encapsulam argumentos filosóficos inteiros, Derrida inventou *l'animot*, que inclui em uma única palavra o som do plural francês para animais, *animaux*, ao mesmo tempo em que chama atenção ao modo como a própria palavra (*mot*) implica a linguagem simbólica da qual considerados que os animais são privados, e que os define - em Descartes e em outros locais - como inferiores. (GARRARD, 2012, p. 150, tradução própria)

No texto a representação dos javalis se distancia da imagem colaborativa dos demais seres — ao invés de construírem alianças e trocarem positivamente, os javalis são caracterizados de maneira individualista e inconsequente, sendo, por isso, inferiorizados e temidos: “O javali é o único bicho com quem o Organismo nunca se entende. [...] Comem qualquer coisa e não adoecem. Se tornaram invencíveis e numerosos e talvez por isso pareçam um pouco alheios à vida e incapazes de alianças” (GALERA, 2021, p. 194). A descrição dos javalis parece se aproximar do comportamento humano anterior aos desastres mencionados, e ainda presente fora do Topo, mas se torna ainda mais semelhante à conduta das pessoas do próprio Organismo após a queda do astronauta. Quando esse alienígena humano aparece, é recusada qualquer possibilidade de com ele tecer alianças, pois o mesmo é visto enquanto ameaça o modo de vida pré-estabelecido por aquela comunidade. Segundo Alfredo,

é importante que todos entendam o que a chegada dele significa. O homem fala uma língua que não conhecemos e representa uma degeneração das antigas sociedades da qual ainda estamos protegidos no Topo. [...] Sua queda aqui só pode

ter sido um acidente, mas é um acidente com consequências muito perigosas para o Organismo. O homem conhece tecnologias das quais nos afastamos há muito tempo e não sabemos o que pretende ou do que é capaz. Ele pode atrair outros humanos que não vão respeitar o modo de vida do Organismo. Humanos que podem querer tomar de nós o necromel, os olhos-d'água sem veneno e o ar fresco. (GALERA, 2021, p. 213)

Alfredo enxerga no Organismo garantias de sobrevivência que devem ser mantidas a todo custo — apesar das críticas aos feitos da humanidade que levaram-na ao desastre, trata-se de uma personagem apegada aos saberes antigos conservados nas palavras escritas. Alfredo difere, portanto, da Velha, que, como mencionado anteriormente, parte de uma visão segundo a qual as alianças são cambiáveis a todo e qualquer momento — “A aliança, não cansa de ensinar a Velha, é um pacto reescrito a todo instante. Uma sintonia frágil entre corpos, uma dança” (GALERA, 2021, p. 173) — não faz sentido, portanto, apegar-se à configuração atual das coisas, visão essa reiterada pela sequência de mudanças causadas pela chegada do astronauta.

Mesmo anteriormente à queda do alienígena humano, no entanto, o Organismo já carregava consigo sinais das mutações constantemente inconstantes, reveladas em diversos aspectos da narrativa — da forma ao conteúdo. Na questão formal, destacamos que, seguindo os ensinamentos da Velha, de acordo com quem “Não há necessidade de passado, pois o presente guarda todos os indícios que precisamos [...]” (GALERA, 2021, p. 176-177), a narração da obra ocorre majoritariamente no tempo presente — as marcas do passado e a história da sua transformação estão contidas na

descrição minuciosa do presente. Observemos o início do primeiro capítulo a título de ilustração:

Na aurora violácea, Chama se afasta do Organismo pela trilha que leva às colmeias. Seus chinelos feitos de borracha de pneu e cabos de carregador esmagam nódoas de terra seca, o imundo poncho-pala de fibra de cânhamo roça seus quadris estreitos, as pernas de couro de javali nas coxas e canelas impedem que as macegas altas e espinhentas rasguem sua pele castanha, na qual ferimentos superficiais deixam cicatrizes lisas e brancas. Atravessa pela rota bem conhecida o campo de eucaliptos mortos, uma cama de gato de troncos caídos, finos e estranhamente preservados no ar seco, cumprimenta com um olhar Boloto, o vigia daquele turno, trepado no esqueleto retorcido da antiga torre de transmissão, sobe a elevação rochosa, coberta aqui e ali por uma penugem de líquens rosados [...]. (GALERA, 2021, p. 172)

Mas, para além dessa questão formal, o conteúdo também apresenta em si o registro das metamorfoses passadas até o estado atual: a narrativa se inicia com a aurora, possível símbolo de transformação por conectar a noite passada ao novo dia; além disso, as imagens de morte (como no caso dos campos de eucalipto, troncos caídos e do “esqueleto” da torre de transmissão) são paulatinamente substituídas por imagens de vida (através do surgimento de pequenos líquens).

Vale ainda notar que as descrições das vestimentas da personagem trazem consigo a ideia da modificação dos materiais e, ao mesmo tempo, a história da reverberação dos detritos humanos até posteriormente à obsolescência dos mesmos — todas as roupas descritas são compostas de múltiplos materiais agregados

que, apesar de formarem uma nova coisa, não deixam de remeter ao que já foram individualmente. A esse respeito é interessante notar a ausência de oposição entre os elementos primários da natureza (como a fibra de cânhamo) e aqueles que sofreram maior interferência humana para sua confecção (os cabos de carregador, por exemplo). Isso ocorre porque, na narrativa, o humano não é separado da noção de natureza, como diz Ailton Krenak,

fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, p. 9-10)

Em *Bugônias*, todos os seres pertencem à natureza, inclusive os humanos, portanto, o fruto de seu trabalho também faz parte dela. Dessa forma, há uma notável continuidade entre a qualidade original dos materiais e aquilo em que se transformam — seja por interferência humana, seja por ação do tempo, ou mesmo através do trabalho de outros seres vivos. Nesse aspecto, o narrador da novela não corrobora com a frequente distinção entre “Natureza” e “Cultura”, pois ambas são uma única coisa — “Fundimos nosso trabalho com a terra, nossas forças com suas forças [da Natureza], tão profundamente que não é mais possível recuarmos e dela separarmo-nos” (WILLIAMS, 2011, p. 112).

Na obra em questão, a integração dos seres humanos à “Natureza” leva à conexão também com os demais seres vivos e,

por isso, o processo de mutação de um ser reivindica a participação de outros — isso ocorre de tal forma que a noção de individualidade talvez não faça sentido, pois a própria noção de “organismo” depende da integração entre diferentes elementos com suas respectivas funções. Essa inconstância do indivíduo conectado a tudo parece, pelo menos a princípio, incomodar Chama: “[m]as se tudo pode vir a ser qualquer coisa, Chama pensa em segredo, como ter certeza que a vontade de viver não é uma espécie de miragem?” (GALERA, 2021, p. 184). O desespero da protagonista frente à ausência de subjetividade quando englobada pelo Organismo remonta à discussão de Timothy Morton sobre a percepção de interconectividade entre todos os seres:

De um lado, nosso mundo se expande à medida que nosso conhecimento cresce. Mas por outro lado, ele encolhe: as coisas são ‘menos’ do que pensávamos que eram. Descobrimos que nosso entendimento mais detalhado de como as coisas se conectam umas com as outras resulta em uma perda na sensação de realidade. Um vazio se abre no nosso espaço social e psicológico. Nos níveis micro e macro, as coisas são menos completas, menos integradas, menos independentes, do que acreditávamos. (MORTON, 2010, posição 742, tradução própria)

A condição de pequena parte em uma estrutura maior e, conseqüentemente, a diminuição da individualidade frente à eterna mutação dos vínculos, aspectos constitutivos do Organismo que causavam questionamentos em Chama, parecem ser esquecidos pelos habitantes do Topo a partir da queda do astronauta. Nesse momento de crise, os humanos se voltam ao passado e procuram cristalizar suas formas de existência em certezas, ignorando,

para isso, tanto o caráter ininterruptível das mudanças como a participação necessária do diferente em sua própria composição. O astronauta é entendido enquanto não-pertencente a partir de uma perspectiva exclusivista que separa aqueles que detêm determinados direitos daqueles a quem os mesmos são negados.

Apesar do choque causado em Chama por essa percepção discriminatória do diferente, é possível perceber que essa já era vislumbrada na contrariação do Organismo em compartilhar o necromel com humanos de outros locais — visão defendida inclusive pela Velha, e contestada somente por Chama — “[a] Velha costuma dizer que a aliança com as abelhas pertence ao Organismo e não há garantia nenhuma de que possa ser replicada [...] Chama entende o que a Velha quer dizer, mas ao mesmo tempo sonha em oferecer imunidade aos humanos de fora” (GALERA, 2021, p. 186). De forma contraditória, a abertura a alianças novas e mutáveis, tão valiosas ao modo de vida do Organismo, assustava os membros da comunidade justamente pelo potencial de transformação e, por isso, a participação dos diferentes era ignorada em uma tentativa de cristalização do presente.

Ainda em uma exposição das incoerências do Organismo, notamos que o texto apresenta coexistência entre mudanças — por exemplo, no espaço e nos materiais utilizados —, e a estabilidade — presente na descrição do Organismo a partir de um narrador cuja visão aparentemente é vinculada à de Chama. A manutenção de determinadas alianças é refletida em (falsa) sensação de constância: “Esse ar tão seco, *sempre* tão seco” (GALERA, 2021, p. 173, grifo nosso); “[...] as rainhas acasalam com os zangões *sempre* no mesmo lugar” (GALERA, 2021, p. 182, grifo nosso).

A regularidade parece incomodar Chama — quiçá pela incompatibilidade entre a forma como viviam e os ensinamentos sobre as eternas mudanças. A respeito da caravana dos carvoeiros, por exemplo, é dito que “Chama não quer, é claro, que a caravana apareça, mas uma parte dela gostaria de vê-los ao longe [...]” (GALERA, 2021, p. 191), de modo que fica explícito seu desejo pelo diferente, pela quebra da estagnação. Em outro momento, a mesmice do Organismo é descrita através de termos negativos, mesmo que fiquem subentendidos os gérmenes de renovação escondidos no marasmo: “[p]or trás do *drama modorrento* dos dias repetitivos moléculas se formam e se destroem [...]” (GALERA, 2021, p. 195, grifos nossos). Por mais que desejasse uma movimentação na quietude do Organismo, Chama se surpreende quando, após a chegada do astronauta, há alteração da vida como conhecia — isso porque as situações anômalas no Topo fazem com que também ela se sinta uma estranha:

Chama reparou que eles pareciam saber do que aquilo se tratava mas falavam muito pouco e em voz baixa. *O Organismo não costumava ter segredos.* [...] O homem foi carregado numa rede até a varanda da casa da Velha [...] e a porta foi fechada. *Chama nunca tinha visto a porta da casa da Velha ser fechada.* [...] O arame farpado que sempre protegeu os mantimentos contra javalis e outros entes esfomeados *agora tinha outro significado*[...]. (GALERA, 2021, p. 205, grifo nosso)

A porta do depósito está trancada com uma corrente e um cadeado. Desde que nasceu Chama sabe que não existem cadeados no Organismo, não existem trancas nem chaves, mas ali está um cadeado enferrujado, *signal inequívoco de que ela já*

não conhece bem onde vive, não reconhece mais seu lugar e suas alianças, e este talvez seja, ela pensa, o mesmo sentimento que espantou as abelhas, um horror repentino de não mais pertencer. (GALERA, 2021, p. 215, grifo nosso)

As mudanças, no entanto, não ficam restritas ao Organismo e às alianças, mas se apresentam também na própria Chama, que transmuta em diferença radical a incerteza que anteriormente apresentava em relação a alguns ensinamentos — “Ela agradece e assente com a cabeça, ruminando, pensando se concorda” (GALERA, 2021, p. 184). O tratamento conferido pelo Organismo ao astronauta-alienígena é contestado vertiginosamente por Chama, que parece decepcionada por não encontrar apoio nem mesmo na Velha; sua objeção faz com que, aos poucos, o tratamento pouco cordial dado ao estrangeiro se estenda também a ela — daí sua sensação de não pertencimento: na tentativa de manutenção do modo de vida e da recuperação da aliança com as abelhas, o Organismo transfigura sua identidade e suas demais alianças, inclusive aquelas envolvendo Chama.

Quando o filho de Alfredo fica doente, é descrito que “[a] Velha e Alfredo não lhe dirigem o olhar e se negam a reconhecer sua presença ali. É outra sensação nova para ela, essa indiferença, outra mutação sinistra de um Organismo que vai ficando irreconhecível” (GALERA, 2021, p. 232). Nesse contexto se distancia não somente dos ensinamentos da Velha e de Alfredo, mas do próprio grupo de origem — isso é notável quando as descrições do narrador começam a opor Chama ao Organismo, como em “[o] Organismo *dorme em silêncio*. Ela *desperta* com o peito *inquieta* e a boca seca. [...] O silêncio, ela se dá conta agora, parece excessivo [...]” (GALERA,

2021, p. 216). No trecho, a quietude do Organismo adormecido é contraposta à figura inquieta e desperta de Chama — entendemos, assim, que a personagem parece não mais pertencer ao grupo, representando, tal qual o astronauta, uma alteridade radical.

O distanciamento de Chama em relação às lideranças do Organismo sugere a possibilidade da novela ser lida também como uma história de formação. Em primeiro lugar, existe em Chama uma posição questionadora sobre o funcionamento da comunidade e sobre seu papel nela, além das descrições de seu sentimento de angústia naquele espaço, exemplificada no trecho “[t]er uma família como a da fotografia não a pouparia da vertigem que é ser um ente entre muitos” (GALERA, 2021, p. 209). Além disso, como já foi mencionado anteriormente, há uma busca da personagem por vivências diversas — ademais do desejo de ver os carvoeiros, Chama expressa sua vontade de se dedicar ao contato com os javalis, promovendo uma relação completamente nova para o Organismo — atuação similar à que apresenta em relação ao astronauta: ao invés de aceitar a incompatibilidade dos javalis e do astronauta, como os demais humanos do Topo, Chama gostaria de incluí-los nas suas alianças. Essas indagações fortalecem uma leitura de narrativa de desenvolvimento, pois “[p]arte do conflito de gerações, que é um dos passos do romance de formação, deve-se à luta do protagonista para ter acesso a vivências várias” (SCHWANTES, 2007, p. 55).

O contato com uma pessoa mais velha que leva ensinamentos ao jovem, outra característica do romance de formação, também ocorre, ainda que de maneira desvirtuada, através da figura do astronauta: a incompreensão entre ele e Chama faz com que ela questione a obviedade de suas aprendizagens no Topo — “[...] enquanto desenha

esses ensinamentos para o astronauta, Chama começa, pela primeira vez, a questionar em alguma medida a sua validade. O olho de confusão do homem desperta nela suspeitas disformes mas suficientes para começar a amolecer determinadas certezas” (GALERA, 2021, p. 228). Outra particularidade que legitima essa interpretação é a presença, nos textos classificados como *bildungsroman*, de uma viagem a um local distante e diverso do conhecido. Embora isso não aconteça da maneira tradicional em *Bugônia*, é notável que a protagonista transgreda as fronteiras pré-estabelecidas do Topo, infração essa que se mostra positiva, pois resulta no reencontro com as abelhas:

Em pouco tempo ela já não sabe onde está e é bem possível que tenha ultrapassado os limites do Topo. Uma subida íngreme sugere a transposição de um fundo que ela desde cedo aprendeu que não devia pisar, mas o chamado a impele, uma curiosidade que é um amor à vida maior que o temos de apagá-la por imprudência. Nota uma mudança brusca nas árvores, que se tornam mais altas e espaçadas. [...] A vibração fraca que a puxou nessa direção se transforma num zumbido conhecido. Algumas abelhas pousam em seu rosto e cabelos. (GALERA, 2021, p. 218)

No trecho acima reaparece a reafirmação do desejo de viver intensamente, Chama se importa mais com a emoção e a curiosidade do que com a própria segurança. Essa é mais uma característica que a difere da maior parte dos moradores do Topo, associados com um temor conservador à novidade — é o medo desses moradores que os levam ao processo de bugônia utilizando o astronauta como oferenda. O título da novela, então, parece se referir menos ao processo no qual as abelhas se alimentam dos

cadáveres, que pouco tem de ritualístico ou de sacrificial — “[...], juntando velhos e crianças, os que se matam quando querem e os natimortos, sobrando ou faltando um aqui e ali, é a quantidade de humanos que morre no Organismo sem que se precise fazer nada” (GALERA, 2021, p. 182), e mais ao assassinato do estrangeiro que, segundo Alfredo, seria a única forma de trazer de volta as abelhas e retomar a antiga aliança, essencial para o acesso ao necromel e, consequentemente, para a imunização dos humanos do Organismo.

Durante o processo de violentação do astronauta, Alfredo chega a citar os versos 280 a 300 das *Geórgicas IV* de Virgílio, livro que, segundo ele, ensinaria o ritual de retomada das abelhas — a esse respeito, é interessante apontar que, apesar da conexão de Alfredo com os livros, portais de acesso ao passado, essa personagem nada mais faz do que deturpar a obra literária original. O retorno corrompido a um tempo anterior acelera a derrocada do Organismo, já que o processo de sacrifício liderado por Alfredo remonta às relações tirânicas que alguns humanos estabeleciam com outros seres vivos (humanos ou não), modos esses supostamente superados no Topo e substituídos pelas alianças.

As ovelhas e cabras observam de longe com sua neutra curiosidade intacta. Talvez bruxulear na intimidade das lanosas, Chama pensa, a memória residual de inúmeros sacrifícios perpetrados em seus antepassados por humanos ensimesmados em seus rituais, crentes de que os ciclos de fertilidade e as alianças entre os entes eram afetados por sua busca obstinada de um sentido. (GALERA, 2021, p. 239)

É possível notar que, nesse momento da narrativa, os humanos do Organismo apresentam uma visão colonizadora dos corpos

diversos — ao contrário da lógica agregadora e comunicativa, encontra-se a negação do direito à vida e a redução do astronauta aos possíveis ganhos provenientes de sua morte — de modo similar ao que foi feito em outros momentos da história tanto com humanos como com não-humanos. É o que Malcom Ferdinand define como “Negro”, termo não relacionado às características étnicas de pessoas, mas sim que “[...] se refere a todos aqueles que estiveram e estão no porão do mundo moderno: os forado-mundo. Aqueles cuja sobrevivência social é marcada pela exclusão do mundo e que são reduzidos ao seu ‘valor’ energético” (FERDINAND, 2021, p. 60, tradução própria). Ainda sobre esse momento é importante ressaltar o modo como as personagens do Topo empunham suas certezas em benefício próprio, numa individualidade que desconsidera as consequências aos demais seres, “Quem ‘acredita’ ter as respostas às urgências presentes é terrivelmente perigoso. Quem se recusa a ser favorável a algumas formas de viver e morrer, e não a outras, é igualmente perigoso” (HARAWAY, 2022, p. 84).

A violência dirigida ao astronauta, como normalmente ocorre com a agressividade desenfreada, não se limita ao alvo inicial e, para surpresa de Chama, também a atinge — “Chama nunca viu um ente vivo amarrado no Topo. Nem humano nem cabrito nem ovelha nem gavião. Ela é a primeira” (GALERA, 2021, p. 240). No processo sacrificial, o antigo respeito para com o diferente é deteriorado — de modo que é possível dizer que também o Organismo e seus ideais são vitimados. Quando Chama sugere se tornar mãe do astronauta, “[a]lguns moradores riem baixinho, mas a comunidade como um todo permanece circumspecta porque conhece e respeita

as tradições e sabe da gravidade do pedido” (GALERA, 2021, p. 236); ao invés de honrar a tradição, no entanto, Alfredo agride Chama após sua fala — mais uma vez os humanos do Organismo são representados de maneira contraditória, pois o compromisso máximo com a manutenção do modo de vida já conhecido ignora as tradições pré-estabelecidas pela comunidade. Posteriormente à agressão contra Chama, ocorre a violência última ao astronauta — um processo de tortura maquiado de intenções ritualísticas — o qual “com uma luz ardente de força e esperança nos olhos alguns homens e mulheres fazem prontamente sem questionar” (GALERA, 2021, p. 237). Se considerarmos a importância da agentividade dos seres nessa comunidade, é possível enxergar também na falta de reflexão dos agressores uma descontinuidade com suas convenções.

Essa reviravolta no Organismo é acompanhada pela completude da metamorfose de Chama. De modo inédito no Topo, ela foi mantida amarrada por nove dias e, durante esse período, “[...] pressente que uma grande mudança se avizinha, uma mudança que se dará ao mesmo tempo nela mesma e em toda parte [...] como se gestasse alguma coisa e ao mesmo tempo estivesse sendo parida” (GALERA, 2021, p. 242) — talvez substituindo o filho em que gostaria de ter transformado o astronauta. Enquanto Chama cria uma novidade, e é por ela criada (imagens de vida), uma transformação de morte se dava no corpo do astronauta através do processo de decomposição (imagem de morte) no qual aparecem larvas e moscas varejeiras.

Se as abelhas simbolizam a vida tanto pela ação polinizadora como, na novela, pela produção do necromel, as varejeiras seriam definitivamente um signo avesso: a morte geradora de morte — especialmente levando em conta a violência com que atacam os

humanos que as convocaram equivocadamente. O surgimento das varejeiras no que seria o último resquício de esperança simboliza o perecimento do Organismo — ou, de maneira mais acertada, de uma faceta do Organismo, já que, como fica demonstrado pelas imagens de renovação, é justamente do que parece ser o fim que surgem novas oportunidades de alianças.

A mudança final do Organismo se dá quando Chama retoma o contato com as abelhas formando “um único organismo vivo” (GALERA, 2021, p. 245) — a escolha do termo “organismo” é fortuita, pois nessa passagem Chama é o Organismo e dele faz parte, uma vez que depende dela o restabelecimento de um Organismo coeso e inclusivo. Essa nova comunidade deixa de estar restrita a determinado espaço e separa-se dos “[...] poucos humanos que preferem cuidar ali mesmo dos animais e limitar o escopo de suas vidas ao que já conhecem desde sempre. O Organismo atravessa o riacho venenoso e desbrava pela primeira vez as terras em torno do Topo” (GALERA, 2021, p. 247) — parece que era essa nova realidade que Chama gestava, um Organismo metamorfoseado. Entendemos, então, o nome da protagonista como, ao mesmo tempo, substantivo e verbo — ela destrói, tal qual uma labareda, o velho para que o novo possa surgir, mas também clama pela participação dos outros seres no processo de mudança.

Aqui é interessante notar que a história de formação de Chama difere da tradição dos romances de formação com protagonistas femininas, nos quais há frequentemente uma personagem “[...] que não sofre modificação, cuja única experiência é aprender, mais ou menos mecanicamente, a se mover dentro dos meandros da sociedade [...]” (SCHWANTES, 2007, p. 3). Ao contrário do que ocorre

nesses romances do século XVIII, Chama não só se modifica como também altera a sociedade em que vive. O novo Organismo não se restringe mais ao Topo e não está limitado nem ao passado nem ao presente — sua nova constituição permite entendê-lo enquanto forma complexa que, por englobar diversos seres vivos e suas particularidades, é capaz de se espalhar; entendemos, então, essa nova forma enquanto simpoética, pois o Organismo passa a agir como os “sistemas de produção coletiva que não possuem limites espaciais e temporais autodefinidos. Informação e controle são distribuídos ao longo dos componentes. Os sistemas são evolutivos e têm potencial para mudanças surpreendentes” (DEMPSTER apud HARAWAY, 2022, p. 71).

A ruptura das fronteiras e a exploração do espaço coincidem com o embaçamento das fronteiras entre os elementos do Organismo — Chama e as abelhas se tornam um, assim como os demais membros que, apesar de terem suas subjetividades respeitadas, movem e agem de maneira unificada, “[p]ensar a interdependência envolve dissolver as barreiras entre ‘por aqui’ e ‘por ali’ e, mais fundamentalmente, a ilusão metafísica de rigidez, limites estreitos entre dentro e fora” (MORTON, 2010, posição 808, tradução própria). Essa nova forma de união, aliada à percepção coletiva de que “[...] humanos precisam dos corpos e pensamentos uns dos outros para vicejar” (GALERA, 2021, p. 246) estabelece não mais uma comunidade, mas sim uma coletividade, pautada na escolha de estar junto, e não nos possíveis ganhos individuais (MORTON, 2010, posição 2696), como anteriormente ocorria devido à necessidade do necromel.

A metamorfose das individualidades no Organismo multiespécies e a transgressão de fronteiras anteriores parece

trazer consigo um impulso utópico inexistente na versão original do Organismo — a extrapolação do espaço-tempo e a abertura às mudanças permite o vislumbre de uma coletividade que abarque todos. Resta saber quantos responderão ao chamado.

REFERÊNCIAS

- FERDINAND, Malcom. *Decolonialecology: Thinking from the Caribbean world*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 2021.
- GALERA, Daniel. “Bugônia”. In: GALERA, Daniel. *O deus das avencas*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 171-247, 2021.
- GARRARD, Greg. *Ecocriticism*. Nova Iorque: Taylor and Francis, 2012.
- HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno. In: BRANDINO, Luiza et. al. (Org.) *Antropoceno ou capitaloceno?: Natureza, história e a crise do capitalismo*. São Paulo: Editora Elefante, p. 67-125, 2022.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.
- MORTON, Timothy. *The ecological thought*. Cambridge: Harvard University Press, 2010.
- SCHWANTES, Cíntia. Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília: UnB, n. 30, p.53-62, 2007. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9135>. Acesso em: nov. 2023.
- WILLIAMS, Raymond. Ideias sobre a natureza. In: WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, p. 89-114, 2011.